

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 1405
Data: 17.06.73 Pg.: 36

Xavantes vão punir quem mentiu

MARIO CHIMANOVITCH
Enviado especial

A cerca de 300 quilômetros de Cuiabá, na sede da Missão Salesiana de Sangradouro, no município mato-grossense de Poxoréu, famoso pelos seus garimpos de diamantes, centenas de índios Xavantes interromperam sexta-feira última a sua rotina diária de trabalho para deliberarem, num conselho de emergência, sobre as notícias de que alguns de seus irmãos teriam ido nesta semana a Brasília para reclamarem na Funai contra o tratamento que lhes estaria sendo dispensado pelos padres que dirigem a missão, que impediriam, inclusive, "que eles tivessem o direito de se tornar brasileiros e viver livremente na comunidade nacional".

Sem as tintas de guerra que outrora os faziam ainda mais temidos, os Xavantes de Sangradouro, trajando calças, camisas e alpargatas, mas nem por isso dispostos a se desapegar de suas tradições culturais que cultivam ferrenhamente, demonstram que estão zangados e francamente dispostos a punir os autores daquilo que classificaram como "mentira", sejam eles "índios ou jornalistas".

Seu dialeto aspero e nervoso, na verdade, assemelha-se ao zumbido de marimbondos bravos, prontos a cair sobre a presa. Seu mau-humor, todavia, abrandou-se à presença do diretor da missão, o padre italiano Bartolomeu Giaccaria, que ali vive há quase 20 anos, muito tempo antes deles chegarem à região do Sangradouro, depois de expulsos pelas doenças e pelas balas dos brancos de seu habitat primitivo ao longo do rio das Mortes, por volta de 1956.

O religioso, falando fluentemente a língua da tribo, pede aos jovens, os mais exaltados, principalmente, que tenham calma e não deixem que simples boatos venham a ofuscar os preparativos para a grande festa que será realizada na aldeia brevemente, onde irão comemorar, no melhor estilo, a posse definitiva de suas terras, que lhes foram asseguradas pelo decreto presidencial assinada em fins do ano passado.

O padre cala-se, e o zumbido eleva-se novamente. Jovens, velhos e adultos, num português extravagado, tentam explicar ao jornalista que foi na Missão de Sangradouro que, efetivamente, puderam viver desde 1956 tranquilamente, longe das ameaças sistematicamente levadas à tribo, desde que, nos anos 40, foram pacificados pelo sertanista Francisco Meirelles.

Na verdade, sem exageros é na Missão Salesiana de Sangradouro que um dos mais importantes trabalhos junto a uma comunidade indígena, fora da esfera oficial, vêm sendo realizados. Com exceção de alguns incidentes ocorridos recentemente com alguns fazendeiros, em razão da questão das terras, respira-se naquela reserva um clima de absoluta tranquilidade, excepcionalmente diverso do que se observa e sente nas reservas de Couto Magalhães e Areões, sob a responsabilidade da FUNAI, por exemplo.

Bastante surpreso com as notícias que circularam a partir da ida de alguns índios a Brasília, padre Bartolomeu Giaccaria explica, todavia, que somente um Xavante, de nome Nicolau, ainda jovem, pediu permissão para viajar na semana passada, pois manifestou desejo de conhecer outras aldeias da tribo e também, se possível, Brasília.



Foto do enviado especial

Depois de reunir seu "conselho de emergência" os xavantes voltaram à rotina do trabalho na Missão

Só um índio não se adaptou

— Esse jovem, conta o padre, é bastante desadaptado. Não gosta de trabalhar e, por isso, não consegue dinheiro para adquirir as coisas que deseja, como uma carabina, roupas novas ou um relógio. Quando me pediu para viajar aqui, imediatamente, indagando dele se tinha dinheiro necessário para o passeio. Não é verdade que aqui subjugamos os índios, impedindo-os de viajar, como disseram, ou de se integrarem à sociedade. Aqui vivem felizes, pelo que me consta, e não têm desejo de se envolver por uma sociedade que somente têm-lhes causado danos de toda espécie. Vivem aqui desde 1956 e a sua chegada a Sangradouro pode atestar bem o que eles têm definido como integração. Em 1956, depois de sofrerem bastante quando praticamente escuraçados de seu habitat primitivo, contraem varíola, que lhes foi transmitida através de roupas presenteadas por "civilizados" em Xavanti-na.

Assustados, diante do número cada vez maior de óbitos na tribo enferma, resolveram ir até Cuiabá pedir ajuda ao governador. Tão logo chegaram àquela cidade, foram sumariamente melidos num caminhão fechado e despachados de volta. Após todos esses incidentes vieram até aqui, em área da Missão, pedir ajuda e abrigo. Não lhes negamos isso.



Padre Bartolomeu

O religioso salesiano esclarece ainda que antes dos Xavantes chegarem a Sangradouro, ali já viviam os Bororos com quem, vez por outra, travavam combate:

— Apareciam por aqui, chegando aos limites do rio da Mortandade, para caçar e travavam combates com os Bororos. Em 1956, quando vieram pedir ajuda à missão, os Bororos ficaram preocupados com a nova vizinhança e acabaram transferindo-se, em sua maioria, para o Meruri, onde vivem até hoje.

LIBERDADE

Padre Bartolomeu Giaccaria revela que a Missão Salesiana de Sangradouro funciona na região desde 1906 e, a partir dessa época passou a assistir aos Bororos, até que estes, com a chegada dos Xavantes, afastaram-se.

As terras da missão, com uma extensão estimada em cerca de 5 mil hectares, foram medidas em 1906 pelo então tenente Candido Mariano Rondon. Hoje, dispo de excelentes instalações que compõem-se de dormitórios, templo, refeitório, hospital-ambulatorio, serraria e usina de luz, abrigam cerca de 500 índios Xavantes que cultivam milho, feijão, abóbora, mandioca, batata e arroz, além de outras plantações:

— Nossos índios — afirma o religioso — mantêm uma agricultura de sustentação, isto é, plantam para comer, unicamente. Não pensamos ainda em produzir para vender e existem ainda, de propriedade da missão, mas consumidas somente pela tribo, mais de 300 cabeças de gado que nos fornecem carne diariamente e todo o dinheiro auferido com sua venda reverte totalmente em benefício desses índios.

Giaccaria revela ainda que a missão ministra ensino primário e religioso aos que se interessarem em recebê-lo:

— Não podemos ir além do primário simplesmente por que não temos condições nem recursos para ampliarmos nosso quadro docente. Não é verdadeira a afirmação de que tentamos limitar o grau de instrução dos Xavantes. Sempre que há condições para tanto temos enviado índios desajustados de estudar a outros centros. Agimos assim também no caso de molestias graves, enviando-os a centros mais assistidos, como Rio ou São Paulo por conta de nossos próprios recursos.

CONVERSAO

Com relação à religião, só posso informar que já não existe mais catequese por aqui. Quando os Xavantes por aqui chegaram, imediatamente se apearam à religião católica, como se buscassem uma forma desesperada de salvação para os males da tribo que não

eram poucos, na verdade. Nós não aceitamos isso. Continuamos fazendo com que eles não abandonassem as suas tradições de povo ativo e somente aqueles que, realmente, quiseram se converter é que foram batizados. Hoje, ainda assim, o número de católicos na tribo é surpreendentemente pequeno se comparado ao total de índios existentes na sua aldeia.

Padre Bartolomeu Giaccaria diz que está pronto para receber qualquer visita da Funai ou de outros interessados em ali exercer uma ação fiscalizadora:

— Não temos segredos, a missão está aberta para os jornalistas, principalmente. Nosso trabalho é árduo, porém sério, e acredito, sem exagerar, que Sangradouro, assim como o Parque Nacional do Xingu, venha a ser um dos últimos refúgios de um povo primitivo.

CALMA

O diretor da missão fala também de seus planos para o futuro, assim que a Funai providencie a demarcação das terras dos Xavantes:

— Aqui, atualmente, a situação é de calma. Os índios se aquietaram assim que ouviram as promessas da Funai no que diz respeito à demarcação, que deve ser iniciada dentro de um mês, aproximadamente. As terras, infelizmente, não são muito boas para a agricultura, mas temos intenção de tratá-las e conseguir melhorar os índices de aproveitamento agrícola colocando toda a produção. Com relação às expropriações das fazendas, em favor da efetivação das reservas Xavantes, não é verdade, também, que nós, sa-

lesianos, estejamos instigando os índios no sentido de que eles pressionem e hostilizem os fazendeiros para que eles abandonem suas propriedades o mais depressa possível. Tudo isso não passa de uma série de boatos engendrados por gente muito interessada em fazer descreditar o trabalho missionário junto às populações indígenas. Por outro lado, sei perfeitamente que o governador Fragell prometeu terras aos fazendeiros que serão expropriados, e, para tanto, sei mais ainda, o governo de Mato Grosso dispõe de mais de 500 mil hectares para atender essa gente.

Padre Giaccaria volta a falar sobre Nicolau, o jovem Xavante desadaptado, e explica que ele, possivelmente, foi influenciado por outros índios, "talvez de Areões".

— Os Xavantes de Areões foram os que se portaram mais intranquilamente no episódio envolvendo a posse de suas terras. Acredito, por isso mesmo, que Nicolau foi a Brasília em companhia de alguns jovens de Areões e lá, certamente, a coisa foi conduzida conforme os jornais noticiaram.

Na Missão Salesiana de Sangradouro, agora, os Xavantes ainda zangados esperam que os irmãos retornem para confirmarem ou não as acusações. Enquanto isso, preparam-se para a festa que deverá ser realizada nos próximos dias — a "Festa do Nome das Virgens" — quando as moças da tribo recebem o seu definitivo nome. Apesar da aculturação, os Xavantes não abrem mão de suas tradições, embora decorridos já 30 anos desde que foram pacificados por Chico Meirelles.

Acidente mata o quirio

Do correspondente em MANAUS

O índio aculturado Aracupitanga, atropelado e gravemente ferido por um helicóptero na tarde de sexta-feira, em uma das malocas da reserva Tucumum, na divisa do Amazonas com o Pará, morreu ontem, em Manaus. O aparelho, envolvido no acidente é utilizado pelo Projeto Radam — Radar da Amazonia — no levantamento aerofotogramétrico para pesquisas minerais.

Aracupitanga pertencia à tribo dos quirios e vivia na aldeia Bona, naquela reserva. Segundo as primeiras informações chegadas a Manaus, ele foi atingido na cabeça pelo helicóptero, que estaria fazendo um voo rasante sobre a maloca, e teve o crânio esfacelado mas não morreu logo. Removido às pressas para Manaus, foi internado no Hospital Getúlio Vargas, vindo a falecer ontem às 11 horas. O corpo foi devolvido à aldeia ontem mesmo, para o ritual de sepultamento.

As autoridades da Funai em Manaus estão cercando a ocorrência do mais completo sigilo. O delegado da fundação, Antonio Coutinho, e o sertanista Gilberto Pinto seguiram para a aldeia dos quirios a fim de investigar o acidente.